



CARTA SEMANAL

O Canário da Mina **65**

26 DE JULHO DE 2024

Temos um jogo!

Durante os séculos XIX e XX, uma das atividades econômicas mais importantes do Reino Unido foi a extração de carvão de mina. Nesse contexto, uma das principais causas de acidentes com mortes dos mineiros era decorrente do vazamento de monóxido de carbono, um gás inodoro (difícil de detectar sem equipamentos) que, em grandes quantidades, pode provocar explosões ou morte por intoxicação. Como o monóxido de carbono é um resultado natural da extração do carvão, problemas de ventilação nas minas poderiam gerar acidentes mortais.

Em uma era pré-detectores de gases, o jeito de os mineiros se protegerem era levar um canário dentro de uma gaiola para a mina. Por ser muito mais sensível ao monóxido de carbono do que os humanos, a agitação do pássaro servia de alerta para que os trabalhadores deixassem a mina antes que um acidente ocorresse.

Esse é o objetivo de “O Canário da Mina”, artigo semanal que a G5 Partners divulga todas as sextas-feiras. O objetivo é ser um instrumento relevante e gerador de reflexões para o final de semana.

Boa leitura.

G5 Partners. Além dos resultados.



Temos um jogo!

Na semana passada, já falamos sobre os Estados Unidos, inclusive discutimos o viés inflacionário das prováveis políticas de Donald Trump, franco favorito para ganhar as eleições presidenciais americanas, naquele momento. Atente para “naquele momento”, porque nesta semana houve uma reviravolta na corrida eleitoral americana – a renúncia de Joe Biden como candidato democrata à presidência dos EUA. Por isso, vamos usar a edição desta semana de “O Canário da Mina” (OCM) para discutir como ficou a situação após esse evento e por que agora, como diria o comentarista da ESPN Paulo Antunes, *“temos um jogo!”*.

A notícia de que Joe Biden renunciou à sua candidatura à reeleição é impactante, mas nada surpreendente. Desde o desastroso desempenho no debate com o candidato republicano, Donald Trump, no dia 27 de junho, o caos tinha se instalado nas hostes democratas. Havia a percepção de que estava em risco não só o pleito presidencial, mas também as eleições para a Câmara e o Senado americano. Portanto a pressão era grande, e a interrupção da campanha de Biden na quinta-feira (18/7), para o tratamento contra a covid-19 parecia ser o prenúncio de algo iria acontecer. Por isso, a desistência do atual presidente foi o final previsível de uma novela que acabou demorando mais do que deveria.

Entretanto, a renúncia de Biden veio com um detalhe importante: ele indicou sua vice, Kamala Harris, para ser sua substituta. Esse “detalhe” foi extremamente importante porque não só a alçou imediatamente ao posto de favorita para substituí-lo, como também evitou, logo na largada, uma luta fratricida pelo lugar de candidato democrata à presidência dos EUA. Como resultado, no dia seguinte do pronunciamento do presidente, todos os 23 governadores democratas, 87% dos senadores, 83% dos deputados e mais de 2.500 dos 3.949 delegados do partido já tinham manifestado apoio a Kamala. Portanto ela já pode ser considerada virtualmente indicada como candidata à presidência pelo partido democrata. Mas, só para colocar “todo mundo na mesma página”, vamos mostrar os passos para que isso se torne oficial.

No dia 19 de agosto, começará a convenção democrata em Chicago. Coincidentemente foi nessa cidade que, em 1968, ocorreu a última convenção partidária em que o presidente havia desistido de tentar a reeleição. No caso foi o democrata Lyndon Johnson que, devido ao desgaste político em virtude da Guerra do Vietnã, abriu mão de disputar as eleições presidenciais daquele ano. Como diria Karl Marx, *“a história se repete duas vezes, a primeira como farsa e a segunda como tragédia”*. Bem, mas voltando à situação atual, como o candidato que havia ganhado as primárias desistiu, seus delegados estarão livres para votar em qualquer candidato que se apresentar na convenção. Mas, para esse candidato estar apto, é necessário que consiga a assinatura de, pelo menos, 300 delegados, mas não podem ser 50 do mesmo estado. Feito isso, vamos para a primeira votação, onde apenas os delegados “comprometidos” (3.949), ou seja, aqueles que seriam definidos nas primárias, votam. Caso o candidato consiga mais de 50% dos delegados (1.975), está eleito. Caso contrário, vamos para uma segunda rodada, agora com os superdelegados (749), membros da alta cúpula do partido, na qual o candidato teria que obter mais de 50% dos votos para ser

escolhido. Se não houver um vencedor claro nesse segundo turno, novas rodadas de votações são feitas até que alguém alcance o mínimo necessário. Em 1924, os democratas precisaram de 103 rodadas para escolher John Davis como seu candidato.

Porém, antes mesmo de chegarmos ao momento de Kamala ser a escolhida formal, ela terá que selecionar alguém para o posto de vice-presidente na chapa. Vários nomes são especulados, mas os que consideramos mais cotados são o governador da Pensilvânia, Josh Shapiro, e o senador do Arizona, Mark Kelly. O primeiro tem a vantagem de ser um governador bem-avaliado em um estado decisivo para a vitória na eleição presidencial – além de ser um *swing state*, destes é o que tem mais delegados no colégio eleitoral, 19. Já Kelly mexe com o patriotismo e o imaginário do eleitor americano – veterano da Marinha americana, participou do programa espacial da NASA, com quatro missões no Ônibus Espacial. De qualquer maneira, ambos seriam bons nomes que agregariam à candidatura de Kamala.

Mas será que ela tem chances de bater Donald Trump em 5 de novembro? A resposta surpreendentemente parece ser sim. De uma vice-presidente apagada, parece que Kamala está se transformando em uma candidata competitiva. Vamos aos números.

Como vimos acima, em apenas dois dias, Kamala Harris conseguiu unir o partido em torno de seu nome, mas, mais importante, agitou os eleitores democratas. Nessas mesmas 48 horas, o partido democrata arrecadou USD 250 milhões (aqui entram doações para a campanha de Kamala Harris, para a direção do partido e para os comitês conjuntos), um recorde histórico, que fica ainda mais emblemático quando se observa que tais recursos vieram de 1,1 milhão de doadores, 62% deles fazendo sua primeira doação neste ciclo eleitoral. Esse engajamento é extremamente importante, porque um dos principais trunfos de Trump era exatamente ter uma base fiel e animada, ainda mais após o atentado contra ele. Em um país onde o voto não é obrigatório, e com uma polarização tão grande, dar razões para seu eleitor ir voltar será muito impactante – coisa que Biden não oferecia.

Um dos motivos dessa euforia nas hostes democratas com Kamala é que ela dominou a cena desde a desistência de Biden. Não dá para saber se foi de caso pensado ou não, mas, ao fazer esse anúncio quando já havia passado o momento de maior exposição de Trump, após o atentado e a convenção republicana, fez com que a candidata democrata monopolizasse o noticiário nos últimos dias. Só se fala do candidato republicano quando ele ataca Kamala, ou quando ela o ataca, ou mesmo quando se lembra o porquê de a diretora do Serviço Secreto dos EUA, Kimberly Cheatle, ter pedido demissão.

Mas, para além dessa euforia inicial, há motivos para se acreditar que Kamala Harris pode ser uma candidata competitiva. O primeiro deles é que Trump perdeu sua principal estratégia de ataque ao candidato democrata. Quando era Biden, a campanha republicana focava a idade do atual presidente e sua possível incapacidade cognitiva para comandar os EUA por mais quatro anos. E agora? Como manter essa estratégia se Kamala Harris tem 59 anos e Trump 78? Será que o feitiço não vai virar contra o feiticeiro se lembrarmos que, caso eleito, ao final do

mandato Trump será mais velho do que Biden agora? Por enquanto o antídoto dos republicanos é no mínimo pueril. Argumentar que Kamala Harris, como vice-presidente, deveria denunciar a incapacidade de Biden para governar é uma prova de que eles não sabem ainda como lidar com essa mudança na maré. Outro ponto a favor de Kamala – que inclusive já está sendo usado por ela – é o fato de ter sido procuradora-geral da Califórnia por dois mandatos. Quando do outro lado está um condenado pela justiça, isso pode ser um bom “ás na manga”. Em seu primeiro discurso como candidata, Kamala Harris disse: *“Enfrentei criminosos de todos os tipos: predadores que abusaram de mulheres, fraudadores que enganaram consumidores, trapaceiros que quebraram regras para seu próprio benefício. Então, ouçam-me quando eu digo: eu conheço o tipo de Donald Trump”*. Como curiosidade, vale mencionar que Trump contribuiu para as campanhas de Kamala para o cargo de procuradora-geral entre 2011 e 2013. Os democratas “desencavaram” os cheques e estão fazendo peças de propaganda dizendo que foi o melhor investimento da vida de Trump.

Só que nem tudo são flores no caminho da candidata democrata. Ela foi uma vice-presidente apagada e falhou, pelo menos na visão do eleitorado americano, no controle de fronteira, quando esse assunto foi delegado a ela por Biden. Sem dúvida essa aparente falha será muito explorada por Trump, uma vez que o tema imigração está entre as maiores preocupações do eleitorado americano. Por falar em imigração, outra questão que poderia ser explorada pelos republicanos é o fato de os pais de Kamala serem imigrantes (mãe indiana e pai jamaicano). Entretanto, eles terão que tomar muito cuidado com esse assunto porque a esposa do vice de Trump, J. D. Vance, também é imigrante – indiana, como a mãe de Kamala. Por outro lado, ela terá mais legitimidade para atacar o republicano na questão do aborto, outro tema sensível ao eleitorado americano.

Outro problema é que Biden passou o bastão para a Kamala quando já estava bem distante de Trump nas pesquisas. Mas ela vem diminuindo a diferença. Considerando apenas pesquisas que foram a campo a partir de segunda-feira (22/7), Trump teria 46,7% dos votos, contra 45,0% de Kamala. Entretanto, como já falamos em OCMs anteriores, esses resultados não importam muito; o que vale mesmo são as eleições nos estados e, considerando as projeções feitas pelo site RealClearPolling¹, o republicano teria 219 delegados garantidos, ou quase garantidos, contra 198 da democrata, com 121 delegados em disputa “cabeça a cabeça”. Lembrando que são necessários 270 delegados para ganhar a eleição. No entanto, apesar de o site dizer que esses 121 delegados são *“Toss up”*, na verdade o que importa são os 77 delegados dos *swing states*² e, segundo as recentes pesquisas feitas após a saída de Biden da disputa, Kamala, embora ainda esteja atrás, diminuiu um pouco a diferença para Trump. Por exemplo, no Arizona a diferença está em 5 pontos a favor do republicano (49/44); na Geórgia, 2 pontos (48/46); em Michigan, 1 ponto (46/45); na Pensilvânia, 2 pontos (48/46); e em Winsconsin, há um empate (47/47). Ou seja, realmente *“temos um jogo!”*.

Kamala Harris é uma novidade em uma eleição que já parecia decidida após o atentado contra a vida de Donald Trump. A própria reação dos republicanos, tentando impedir que ela use os recursos de campanha arrecadados por Biden, é uma prova disso. Se o que estamos vendo agora é uma nova tendência na campanha, com os democratas recuperando o terreno perdido pós-debate, ou se é apenas efeito da novidade, só o tempo vai dizer. Por enquanto

¹ Realclearpolling.com.

² Arizona (11), Geórgia (16), Michigan (15), Nevada (6), Pensilvânia (19), Winsconsin (10).

Trump ainda continua favorito, principalmente pela vantagem nas pesquisas nos *swing states*, mas a corrida eleitoral americana estará mais aberta do que nunca daqui para a frente.

Frase da Semana

“Há décadas em que nada acontece, e há semanas em que décadas acontecem.”

Vladimir Lenin

G5 Partners	2022	2023	2024	2025
IPCA (%)	5,79	4,62	4,10	4,00
SELIC F.P (%)	13,75	11,75	10,50	9,25
USDBRL	5,28	4,86	5,30	5,50
PIB (%)	3,00	2,90	2,30	2,00